

---

## TEATRO DUSE: O PRIMEIRO TEATRO-LABORATÓRIO DO BRASIL – ESPAÇO DE PASSAGEM NA FORMAÇÃO DE GRANDES NOMES DO TEATRO BRASILEIRO

Diego Molina Mendes  
Orientadora: Tânia Brandão

*Um autor inédito dificilmente encontra quem se interesse por seu trabalho, aqui ou no estrangeiro. É verdade que em outros centros há pequenos teatros, fora do âmbito comercial, onde ensaia o vôo. Teatro-laboratório de temas, diálogos, representação, direção, montagem, este será o destino do Teatro Duse – Paschoal Carlos Magno no programa inaugural de seu pequeno teatro de cem lugares. (Carlos Magno, 1973.)*

Paschoal Carlos Magno (1906-1980), um dos grandes animadores da cultura e do teatro nacional, inaugurou, em agosto de 1952, em sua residência em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, o Teatro Duse, o qual denominou como sendo o primeiro teatro-laboratório do Brasil.

Durante a primeira fase de sua existência, que durou cerca de seis anos (1952 a 1958), o Teatro Duse, que se confundiu com a Companhia Teatro Duse, apresentou dezenas de espetáculos e realizou diversas iniciativas, como aulas, concursos de peças, palestras, seminários, festivais, rádio-teatro, apresentações de peças infantis para instituições carentes e até viagens (que inclui uma excursão de três meses à Europa), tudo isso gratuitamente e sem a obtenção de apoios e patrocínios significativos.

Dentro desta estrutura, foram diversos os futuros grandes artistas que passaram pelo Duse, como Agildo Ribeiro, Consuelo Leandro, Glauce Rocha, Joel Barcelos, Maria Pompeu, Othon Bastos, Rui Cavalcanti, Tereza Raquel e Sebastião Vasconcelos, para citar apenas alguns. Todos estes artistas estiveram no Duse como de passagem, submetendo-se a uma maneira de formação diferente da regular, do que se entende comumente por uma escola ou espaço de ensino tradicional: se por um lado havia uma diversidade de atividades no Teatro/Companhia Duse, que colocava seus estudantes dentro uma estrutura muito intensa, por outro lado não havia nem uma regularidade nem uma continuidade dos trabalhos iniciados, que eram muitos, mas, tinham pouco tempo de duração e não faziam parte, ao que tudo indica, de um plano de formação programado.

O objetivo central desta pesquisa é investigar como algumas realizações do Teatro Duse contribuíram para a formação de uma geração de artistas do teatro moderno no Brasil e como a sua estrutura de ensino contribuiu para isso.

Desta forma, a presente pesquisa pretende iniciar sua investigação a partir do conceito *laboratório* utilizado por Paschoal Carlos Magno na denominação de seu teatro, buscando possíveis referências que ele possa ter utilizado – sabe-se que Paschoal, diplomata de carreira, morou durante anos na Europa, antes e depois da Fundação Teatro Duse.

56 | Durante a pesquisa deste conceito, verificar-se-ão alguns espaços tradicionais que na época contribuíam, direta ou indiretamente, para a formação de novos artistas

no Brasil – como foi o caso da Escola de Arte Dramática e do TBC em São Paulo e da Escola Dramática Martins Pena e do Curso Prática de Teatro no Rio de Janeiro, por exemplo – comparando-os com a estrutura não convencional do Duse. Ou seja: entender como funcionava este centro de estudo e de criação intensa, percebendo seus mecanismos, administrativo, de ensino e artístico.

Alguns pontos podem servir como norteadores deste projeto. A seleção destes tópicos surgiu durante a pesquisa do pesquisador durante seu trabalho no CEDOC/FUNARTE, dentro o acervo Paschoal Carlos Magno, a partir do arranjo criado pela equipe coordenada pela diretora Helena Ferrez. São cinco tópicos: 1) Seminário de Arte Dramática; 2) Festival do Autor Novo; 3) O espetáculo *Hécuba*; 4) Apresentações de teatro infantil em caminhão; 5) Viagem dos estudantes à Europa;

Através destes pontos, a pesquisa pretende dar conta das principais realizações artísticas do Teatro Duse, que justificam, ao ver do pesquisador, a importância deste espaço laboratorial dedicado à construção cênica no panorama teatral nacional.

A inauguração do Teatro Duse, em 1952, marcou a transformação do Teatro do Estudante do Brasil (TEB) para Teatro do Estudante (TE). Esta mudança não se deu somente no nome, mas iniciou uma nova fase do pensamento de seu idealizador na formação de novos artistas: como um dos motes principais, o investimento em novos autores nacionais, ao invés do repertório clássico estrangeiro. Antes apoiado pela Casa do Estudante do Brasil (CEB) – dirigida por Anamélia Carneiro de Mendonça – o Teatro do Estudante passou então a ter sua sede própria. A criação deste espaço permitiu não somente aos estudantes apresentarem os espetáculos, mas serviu como local para criação de um seminário de artes dramáticas e de uma cantina destinada à alimentação dos alunos, além de um ponto de referência e concentrador de idéias e atividades.

Paschoal, provavelmente embebido dos movimentos teatrais do resto do mundo, empresta ao seu Duse o termo *teatro-laboratório* para apresentar um espaço de pesquisa, criação cênica e formação de novos artistas, seguindo a tendência modernizadora do teatro nacional. O polonês Jerzy Grotowski no final da década de 1950 irá popularizar a expressão *teatro-laboratório* a partir de suas pesquisas e da publicação do livro homônimo à expressão. Mas muito antes, na Rússia do início do século XIX, Constantin Stanislavski criava o seu Teatro-Estúdio para investigar novas formas de atuação, desenvolvendo seu *sistema* ou *método* e introduzindo uma perspectiva de construção realista da cena. No início da década de 1920, as influências da visita do Teatro de Artes de Moscou (TAM) a Nova Iorque, permitiram que por volta de 1924 fosse criado o *American Laboratory Theatre*, fundado por Ryszard Boleslawski – e que viria a ser a base de criação do métodos de interpretação do *Actor's Studio*.

Uma das grandes justificativas deste projeto também se encontra no fato de haverem poucos estudos sobre um teatro que formou tantos artistas importantes, verdadeiros representantes de uma geração. Nossos dois mais reconhecidos historiadores do teatro brasileiro, Sábado Magaldi e Décio de Almeida Prado, citam Paschoal Carlos Magno e o Teatro Duse poucas vezes em suas principais obras.

Também temos poucas publicações conhecidas sobre o assunto. Duas grandes referências são: *Pequena História do Teatro Duse*, de Orlanda Carlos Magno e a

Revista *Dionysos* nº 23, do Serviço Nacional de Teatro. Mas ambas mais compilam depoimentos e fichas sobre os espetáculos e eventos do que fazem uma análise e colocam um pensamento distanciado sobre o Duse.

Por que um teatro com iniciativas tão férteis e com um conceito tão inovador é colocado tão à margem de nossa historiografia? Como um programa de formação tão diferenciado e ao mesmo tempo tão instável conseguiu gerar dezenas de artistas significativos à história do nosso teatro?

Por tudo isso, pesquisar os modos de realização e as próprias realizações do Teatro Duse parece ser tão importante ao pesquisador. Além disso, os anos de estudo sobre teatro nacional através da iniciação científica e o trabalho de um ano inteiro no recente e ainda não totalmente explorado acervo Paschoal Carlos Magno da FUNARTE formam excelentes condições para a realização de uma rica pesquisa.

A metodologia compreende as seguintes etapas:

a) Leitura sistematizada da bibliografia selecionada, buscando referências sobre o conceito *teatro-laboratório*, sobre o Teatro Duse e suas realizações e outros espaços que na época, contribuíram para a formação de novos artistas, sob uma nova perspectiva moderna de teatro.

b) Levantamento e transcrição das fontes documentais e de material iconográfico e áudio-visual no acervo Paschoal Carlos Magno, do CEDOC/FUNARTE. Correspondência, recortes de jornais e revistas, fotografias, croquis, depoimentos etc., formam um incrível conjunto de cerca de 25 mil documentos, já previamente organizados pelo pesquisador e sua equipe durante o período em que lá trabalhou.

c) Análise comparativa das fontes de consulta para um estudo que parta da construção de hipóteses que abarquem as questões levantadas inicialmente por nossos objetivos.

d)- Preparação, realização e transcrição de entrevistas com artistas que passaram pelo Teatro Duse.

e) Elaboração da dissertação, na conclusão de um estudo, por uma perspectiva crítica, que visa responder as questões que permeiam a formação de nosso artista nacional.

## BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Tânia. *A máquina de repetir e a máquina de estrelas: Teatro dos Sete*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

CAFEZEIRO, Edwaldo; GADELHA, Carmem. *História do Teatro Brasileiro: um percurso de Anchieta a Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: EDUFRJ/EDUERJ/FUNARTE, 1996.

CARLOS MAGNO, Orlanda. *Pequena História do Teatro Duse*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1973.

CARLOS MAGNO, Paschoal. *Depoimentos II*. Rio de Janeiro: SNT, 1977.

\_\_\_\_\_. *Paschoal Carlos Magno: crítica teatral e outras histórias* / organizadores: Martinho Murtinho e Norma Dumar. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2006.

DIONYSOS, n. 23. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro, 1978.

- DÓRIA, Gustavo. *Moderno teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC/SNT, 1975.
- GUINSBURG, J. *Stanislavski, Meierhold & Cia*. São Paulo: Perspectiva, 2001
- PERCEVEJO, O. Revista de Teatro, Crítica e Estética - Departamento de Teoria do Teatro/Programa de Pós-graduação em Teatro-UNIRIO, n. 10/11, 2001/2002.
- PEIXOTO, Fernando. *Instantes do Teatro Brasileiro e Entrevistas, debates e depoimentos. Teatro em questão*. São Paulo: Hucitec, 1989.